

## KANT E FREUD – METAFÍSICA E METAPSIKOLOGIA

Renato Oliva\*

### INTRODUÇÃO

O diálogo entre Filosofia e Psicanálise esboçado neste pequeno artigo deve ser considerado como a introdução a um trabalho maior e que deverá ainda se estender no tempo, à medida em que a reflexão for amadurecendo.

Tanto a reflexão filosófica, quanto o trabalho psicanalítico, exigem paciência e tempo, um amadurecimento lento e contínuo.

Na leitura do texto de Freud encontramos várias referências a Kant. Este pequeno ensaio procura estabelecer um diálogo entre estas duas disciplinas, ou, se quiserem, entre Kant e Freud.

A questão que procuro em ambos os pensadores leva a marca do filósofo que se inicia no trabalho psicanalítico, a saber, o que é feito da razão a partir de Freud. Em que medida a descoberta do Inconsciente coloca à Filosofia problemas dignos de uma reflexão? Porque o filósofo deve conhecer e se preocupar com as descobertas trazidas por Freud? Quais são os limites e as possíveis relações entre o campo psicanalítico e o campo filosófico? Será possí-

vel pensar a Psicanálise a partir da Filosofia, ou a Filosofia a partir da Psicanálise?

Estas questões são bastante amplas e não terão resposta imediata. Mas devem ser registradas como pontos que marcam as etapas de meu crescimento teórico e prático no trabalho com ambas as disciplinas. O trabalho com a Filosofia, como professor e buscando a produção de um trabalho teórico, e com a Psicanálise, como aprendiz e praticante da terapia psicanalítica, levaram a esta quase mistura entre as duas áreas, e ao desafio de pensar uma a partir da outra.

### PARTE I

Paul Ricoeur afirma que o filósofo que cresceu, tendo como horizonte a fenomenologia existencial, a filosofia hegeliana e as investigações linguísticas, sente o encontro com a psicanálise como um "enorme abalo". (C1, p.87)

Ricoeur problematiza a desolação do filósofo. Será que a Crítica no sentido de Kant, isto é, "a reflexão sobre as condições de validade e também sobre os limites da validade, versando

\* Professor do Departamento de Filosofia da UFU

sobre os modelos que o psicanalista constitui" (CI, p.88), podem dar conta da dimensão do Inconsciente freudiano?

A questão é ampla, e pode apontar de início para uma Epistemologia da Psicanálise. O filósofo, preocupado com os fundamentos epistemológicos, pode se interessar pela cientificidade da psicanálise utilizando instrumentos elaborados por uma filosofia que privilegia os dados da consciência tomada como centro de si mesma?

As referências que Freud faz a Kant ao longo de sua obra animam a inteligência filosófica, e o psicanalista se pergunta por que o filósofo aparece de repente.

Freud estabelece a constituição metapsicológica dos processos psíquicos em suas dimensões dinâmica, topográfica e econômica.

De Kant a Freud, o transcendental será substituído pelo metapsicológico, e entramos no espaço psicanalítico, que, sem ser da alçada da filosofia, reproduzirá algumas dimensões da herança filosófica, modificando-a, entretanto, dando nascimento a um novo domínio do conhecimento, a saber, o estabelecimento das leis que regem o psiquismo humano.

Assim, as referências feitas a Kant já não parecem tão repentinas e carentes de sentido.

## PARTE II

Kant considera que a filosofia deve responder a uma só pergunta que coordena todas as outras: O que pode a nossa razão?

Esta questão, por sua vez, se divide em três outras:

a) O que posso saber? – objeto da Crítica da Razão Pura; b) O que devo fazer? – objeto da Fundamentação da Metafísica dos Costumes; c) O que me é permitido esperar? – objeto da Crítica da Razão Prática.

A Crítica da Razão Pura, que será objeto de nossa atenção neste estudo, incide sobre o estatuto da Metafísica: "O objeto da razão pura especulativa consiste naquela tentativa de transformar o procedimento tradicional da Metafísica e promover, através disto, uma completa revolução segundo o exemplo dos geômetras e investigadores da Natureza". (CRP, Prefácio, p.14)

Tomamos como exemplo a Matemática, que desde os gregos "enceitou o caminho seguro de uma ciência" (p.10), e a Física, que também se desenvolveu até "encontrar o largo caminho da ciência" (p.11), Kant dá início à longa elaboração que foi a Crítica da Razão Pura.

A Metafísica, entretanto, não atingiu ainda, na época em que Kant escreve, o pleno estatuto que as ciências

conseguiram alcançar – certas objetivas e universalmente válidas – o que lhes confere a dignidade de poderem fazer afirmações indubitáveis, alargando assim as dimensões da razão humana.

As ciências, quando interrogam a natureza, procuram aprender com os fenômenos observados. Kant nos diz que as ciências da natureza aplicam a seus fenômenos de estudo “princípios segundo os quais estes fenômenos podem valer como leis” (p.11), e assim podem realizar experimentos orientados por estes mesmos princípios.

A Física se tornou uma ciência quando passou a “procurar na natureza (não lhe imputar), segundo o que a própria razão coloca nela, aquilo que precisa aprender”. (p.11)

As ciências da natureza, Matemática e Física, passaram por modificações que alteraram profundamente a possibilidade do conhecimento científico. Kant se refere ao esquema copernicano, conhecido em Filosofia como a Revolução de Copérnico.

Copérnico, ao tentar explicar os movimentos celestes, admitia que “todo o exército de astros girava em torno do espectador”. (p.12) A revolução copernicana invertia as relações do homem com o universo, e deixava que “o espectador se movesse em torno dos astros”. (p.12)

Kant postula para a Metafísica o mesmo procedimento. Até então se su-

punha que “todo o nosso conhecimento tinha que se regular pelos objetos” (p.12). Todas as tentativas de “mediante conceitos estabelecer algo a priori sobre os mesmos” (p.12), foram infrutíferas.

Kant acrescenta: “Os objetos têm que se regular pelo nosso conhecimento” (p.12). Esta inversão possibilita um conhecimento a priori dos objetos; estabelece “algo sobre os mesmos antes de nos serem dados” (p.12).

Deve-se, pois, no tocante à Metafísica, “tentar algo similar no que diz respeito à intuição dos objetos.” (p.12).

Se a intuição tivesse que se regular pela natureza dos objetos, nada se poderia saber a priori sobre estes, mas, se os objetos, enquanto objetos dos sentidos, se regulassem pela nossa faculdade de intuição, a Metafísica poderia ser elevada às mesmas esferas científicas das ciências da natureza.

Kant nos diz que “a experiência é um modo de conhecimento que requer entendimento”. (p.13). Estas regras do entendimento devem ser supostas a priori “ainda antes de nos serem dados objetos”. (p.13).

Quaisquer experiências devem ser “expressas em conceitos a priori, pelos quais, portanto, todos os objetos da experiência têm necessariamente que se regular e com eles concordar.” (p.13).

Kant adverte que, uma vez operada a revolução copernicana, a Metafísica se depara com um resultado surpreendente, ou seja, o de que "jamais poderemos ultrapassar os limites da experiência possível" (p.13). Nossa razão está circunscrita apenas ao mundo dos fenômenos. Os objetos que compõem o universo devem se regular pelo nosso modo de representação. Aquilo que podemos conhecer está condicionado pelas nossas faculdades de conhecimento. Nosso conhecimento é finito.

Só podemos conhecer alguma coisa enquanto "fenômeno, isto é, na medida em que for objeto da intuição sensível". (p.15).

Todo o conhecimento possível se refere "aos meros objetos da experiência." (p.15).

A intuição é o modo pelo qual um conhecimento se refere a objetos. Para que uma intuição se realize, é preciso que o objeto seja dado, "pelo fato de afetar a mente de uma certa maneira". (p.40).

À receptividade das representações, ao modo como somos afetados, Kant chama sensibilidade. É pela sensibilidade "que nos são dados objetos" (p.40). Nossas intuições provêm da sensibilidade.

Pelo entendimento, "os objetos são pensados, e deles se originam os conceitos." (p.39).

Todo o conhecimento se refere a intuições, à sensibilidade, e é esta a condição para que qualquer objeto nos possa ser dado.

A matéria do fenômeno é "aquilo que corresponde à sensação". (p.39).

A forma é "aquilo que faz com que o múltiplo dos fenômenos possa ser ordenado em certas relações." (p.39).

Para que as sensações possam se ordenar é preciso que a forma "esteja à disposição a priori na mente". (p.39).

A matéria do fenômeno "nos é dada somente a posteriori". (p.39).

A "Estética Transcendental", objeto de estudo deste pequeno ensaio, é a 1ª parte da "Doutrina Transcendental dos Elementos". Nesta seção, Kant pretende isolar a sensibilidade "separando, antes, tudo que o Entendimento pensa nela, mediante seus conceitos, a fim de que não reste senão a intuição empírica." (p.40).

Em seguida, Kant separa tudo o que pertence à sensação, "para que nada mais reste senão a intuição pura e a mera forma dos fenômenos." (p.40).

Existem duas formas puras da intuição sensível: espaço e tempo.

O espaço é a "forma de todos os fenômenos dos sentidos externos" ou seja, "condição subjetiva da sensibili-

dade" (p.42). É apenas sob uma referência espacial que nos é possível a intuição externa.

A receptividade, que é a capacidade que tem o sujeito de ser afetado por objetos, "precede toda intuição destes objetos". (p.42).

Compreende-se, pois, que a forma dos objetos "pode ser dada na mente antes de todas as percepções afetivas, por conseguinte, a priori, e como ela, enquanto uma intuição pura, na qual todos os objetos têm que ser determinados pode conter, antes de toda a experiência, princípios das relações dos mesmos." (p.42).

A proposição "todas as coisas estão justapostas no espaço, vale sob a limitação de que estas coisas sejam tomadas como objetos da nossa intuição sensível". (p.43).

O tempo é a forma do sentido interno. Somente no tempo, isto é, "sucessivamente duas determinações opostas contraditoriamente podem ser encontradas numa coisa". (p.45).

O tempo não é um "conceito empírico abstraido de qualquer experiência". (p.44). Nem a simultaneidade, nem a sucessão poderiam ser apresentados à percepção, "se a representação do tempo não estivesse subjacente a priori." (p.44).

O tempo possui uma única dimensão; "diversos tempos não são si-

multâneos, mas sucessivos, assim como diversos espaços não são sucessivos, mas simultâneos". (p.44).

Desta forma, a "Estética Transcendental" possui apenas dois elementos em sua Doutrina: espaço e tempo.

### PARTE III

Os chamados escritos metapsicológicos representam uma etapa do pensamento de Freud que iremos escolher para o nosso diálogo com Kant. Elaborados nos anos da 1ª Guerra Mundial, estabelecem a constituição do psiquismo enquanto Pré-Consciente/Consciente/Inconsciente, do qual não daremos maiores detalhes. Remetemos o leitor ao volume XIV da Standard Editon. (SE).\*

A sugestão hipnótica dos primeiros anos da Psicanálise, os temas da histeria, sexualidade, sonhos, permitem atribuir aos pensamentos inconscientes uma eficácia que é a de excluir representações de seu acesso à consciência. Estas representações, uma vez excluídas da consciência, não desaparecem, mas continuam atuando, buscando sempre um modo de passar do sistema Inconsciente ao sistema Pré-Consciente/Consciente.

O ensaio "As Pulsões e suas Vicissitudes" é aberto com afirmações que, na minha opinião, seriam plena-

mente aceitas por Kant.

As ciências, diz Freud, “devem ser estruturadas em conceitos básicos claros e bem definidos”. (SE, 14,137).

O início da atividade científica “consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação”. (SE,14,137).

Na fase de descrição aplicamos “certas idéias abstratas ao material manipulado, idéias provenientes daqui e dali, mas por certo não apenas das novas observações”: (SE,14,137).

Estas “idéias abstratas” se transformarão nos “conceitos básicos da ciência – são ainda mais indispensáveis à medida que o material se torna mais elaborado.” (SE,14,137)

Enquanto estas idéias permanecerem ainda indefinidas, “chegamos a uma compreensão acerca de seu significado por meio de repetidas referências ao material de observação do qual parecem ter provindo”. (SE,14,137).

Estas idéias são da natureza das convenções, “embora tudo dependa de não serem arbitrariamente escolhidas, mas determinadas por terem relações significativas com o material empírico, relações que parecemos sentir antes de podermos reconhecê-las e determiná-las claramente.” (SE,14,137).

É só depois de uma investigação

maior do campo de observação, que podemos “formular seus conceitos científicos básicos com exatidão progressivamente maior, modificando-os de forma a se tornarem úteis e coerentes numa vasta área”. (SE,14,137).

É só então que “talvez tenha chegado o momento de confiná-los em definições.” (SE,14,137).

E Freud acrescenta que “o avanço do conhecimento, contudo, não tolera qualquer rigidez, inclusive em se tratando de definições.” (SE,14,137).

Freud, como Kant, se refere à Física, como “excelente ilustração da forma pela qual mesmo conceitos básicos que tenham sido estabelecidos sob a forma de definições estão sendo constantemente alterados em seu conteúdo”.

Lacan nos diz: “Vemos aí desenharse o que são, no espírito de Freud, os conceitos fundamentais da Física. Seus mestres em fisiologia são aqueles que procuram a integração da fisiologia aos conceitos fundamentais da física moderna, e especialmente aos da energética.” (S.11 p.155).

O discurso epistemológico elaborado na segunda metade do Séc. XIX procura um ponto de continuidade que vá da Física à Psicologia; procura a redução do psíquico a um complexo de sensações capaz de tornar possível um continuismo psicofísico.

A tese que procuramos defender neste pequeno artigo é que o aparato conceitual que Freud utiliza nas descobertas mais importantes da Psicanálise é todo ele de origem Kantiana. A psicologia das faculdades, herdeira da Crítica da Razão Pura, é utilizada por Freud até que este esquema é abandonado. Ao invés de uma suposta continuidade psicofísica, a continuidade proposta por Freud se dá em um outro nível: ao nível da pulsão. Não abordaremos o tema da pulsão, deixando-o para um outro ensaio.

#### PARTE IV

No ensaio metapsicológico "O inconsciente", Primeiro item, "A justificação do conceito de inconsciente", encontramos uma longa referência feita a Kant, que citamos na íntegra: "A suposição psicanalítica a respeito da atividade mental inconsciente nos parece (...) como uma extensão das correções efetuadas por Kant em nossos conceitos sobre percepção interna. Assim como Kant nos advertiu para não desprezarmos o fato de que nossas percepções estão subjetivamente condicionadas, não devendo ser consideradas como idênticas ao que, embora incognoscível, é percebido, assim também a Psicanálise nos adverte para não estabelecermos uma equivalência entre as percepções adquiridas por meio da consciência e os processos mentais inconscientes, que constituem seu objeto." (SE,14,197).

Freud afirma que as características do sistema Inconsciente são totalmente distintas do sistema Consciente/Pré-Consciente.

No sistema Inconsciente não há lugar para "dúvida, negação ou quaisquer graus de certeza." (SE,14,213).

Os elementos af "estão isentos de contradição mútua." (SE,14,213).

Os processos do sistema Inconsciente são "intemporais; isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm qualquer referência ao tempo." (SE,14,214).

Podemos, com Freud, dizer que no sistema Inconsciente encontramos duas características que nos levam a uma dimensão em que o aparato kantiano deve ser reconsiderado. São a isenção de contradição mútua e a intemporalidade.

#### PARTE V

Em Além do princípio do prazer, Freud lembra que Kant é o autor da teoria segundo a qual o espaço e o tempo constituem a sensibilidade: "Em consequência de certas descobertas psicanalíticas, encontramos hoje em posição de empenharmo-nos num estudo do teorema kantiano segundo o qual o espaço e o tempo são formas necessárias do pensamento." (SE,18,43).

Paul-Laurent Assoun esclarece que “a recusa freudiana não é feita contra o caráter subjetivo do espaço-tempo kantiano – contra o fato de serem formas necessárias de nosso pensamento, e não estruturas objetivas da realidade – mas contra o caráter necessário e universal do espaço e tempo.” (p.157).

O que Freud recusa do esquema kantiano é a universalidade da estruturação da sensibilidade humana em termos de espaço e tempo, como quer a Estética Transcendental.

Convém lembrar, entretanto, que Freud não se situa numa perspectiva filosófica, mas psicanalítica. O modelo do sonho sendo estendido à compreensão da neurose, a força do recalque que impede que certas representações penetrem no sistema Consciência, indicando assim o caminho da formação de sintomas, sugerem a referência à Estética Transcendental.

Se Freud não pretende o que poderíamos chamar uma revolução na Filosofia, o filósofo se inquieta neste contacto com o sistema psicanalítico, com as artimanhas da “consciência inconsciente”.

Assim como, para Kant, “toda a nossa intuição não é senão a representação de fenômenos; que as coisas que intuímos não são em si mesmas tal qual as intuímos” (CRP, p.49), Freud nos lembra que o “físico, como o psí-

quico, na realidade, não é o que nos parece ser.” (SE,14,197).

Os processos inconscientes só podem ser conhecidos como “algo consciente, depois que eles sofreram transformação ou tradução para algo consciente.” (SE,14,191).

A característica da atemporalidade parece ser a mais instigante. Freud nos diz que os processos inconscientes “não se alteram com a passagem do tempo.” (SE,14,214).

Lacan, ao comentar esta passagem de Freud, diz o seguinte: “Freud diz (...) indestrutível. O termo indestrutível, aqui está justamente que é pela realidade de todas a mais inconsciente que ele é afirmado. O desejo indestrutível, se ele escapa ao tempo, a que registro pertence na ordem das coisas? Pois o que é uma coisa senão aquilo que dura, idêntica um certo tempo?” (s.11,p.87).

Ora, o filósofo percebe, ao ouvir que os processos inconscientes não se organizam numa ordem temporal, numa sucessividade, que representações contraditórias podem conviver lado a lado. Encontra-se aí um problema para a Lógica, de Aristóteles a Hegel.

É o mesmo que dizer que os processos inconscientes são eternos, não sujeitos a qualquer modificação, não submetidos ao Panta rei que Heráclito apontou no nascimento da filosofia.



## BIBLIOGRAFIA

- ASSOUN, P.L. – **Freud, A Filosofia e os Filósofos**, RJ, F. Alves, 1978.
- LACAN, J. **Seminário 11, Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise**, Zahar ed., RJ, 1979.
- FREUD, S. – **Artigos sobre Metapsicologia**, Imago, RJ, 1969, Volume 14.
- FREUD, S. – **Além do Princípio de Prazer**, Volume 18, Imago, RJ, 1969.
- RICOEUR, P. **Da Interpretação, Ensaio sobre Freud**, Imago, RJ, 1977.
- KANT, E. – **Crítica da Razão Pura**, Abril Cultural, SP, 1980. (Os Pensadores).